

RETORNO PRESENCIAL: IMPACTOS DA PANDEMIA NOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PRIVADA EM FORTALEZA, CEARÁ

IN-PERSON RETURN: COVID-19 PANDEMIC IMPACT ON STUDENTS AT A PRIVATE SCHOOL IN FORTALEZA, CEARÁ

REGRESO PRESENCIAL: IMPACTOS DE LA PANDEMIA EN LOS ESTUDIANTES DE UNA ESCUELA PRIVADA EN FORTALEZA, CEARÁ

Safira Jade Alves Pereira

Professora Efetiva da Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF), Fortaleza/CE, Brasil. Email: safira.jade@educacao.fortaleza.ce.gov.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7809-8818>

José Mendes Fonteles Filho

Professor Titular da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil. Email: fonteles@ufc.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5637-7259>

Resumo: Este artigo busca apresentar a situação dos alunos de uma escola privada de Fortaleza/CE após a pandemia de Covid-19. A pesquisa foi qualitativa, com coleta de dados por meio de entrevistas e observações na escola, chamada de Escola A. O estudo se baseou em autores como Fonteles Filho, Ribeiro e Carmo (2021), Oliveira, Lucas e Iquiapaza (2020) e Martins e Góes (2021), que analisaram o impacto da pandemia no ensino. O foco principal foi identificar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes no retorno às aulas presenciais, com foco no Ensino Fundamental I. O período analisado abrangeu desde o início da pandemia até o segundo semestre de 2022. Foram evidenciadas lacunas no processo de aprendizagem, devido à baixa adesão ao ensino remoto, o que gerou dificuldades na transição entre a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, a participação da família mostrou-se fundamental para os resultados, e a evasão escolar foi uma consequência significativa do período.

Palavras-Chave: Pandemia da Covid-19; Ensino remoto; Retorno presencial.

Abstract: This article aims to present the situation of students at a private school in Fortaleza, Ceará, Brazil, after the COVID-19 pandemic. The research adopted a qualitative approach, using interviews and observations conducted at School A. The study was based on the works of Fonteles Filho, Ribeiro and Carmo (2021), Oliveira, Lucas and Iquiapaza (2020), and Martins and Góes (2021), who analyzed the impact of the pandemic on education. Its main objective was to identify the difficulties faced by students upon returning to in-person classes in Elementary Education I. The period analyzed extended from the beginning of the pandemic to the second half of 2022. The findings revealed learning gaps resulting from low participation in remote education, leading to difficulties in the transition from Early Childhood Education to the early years of Elementary Education. In addition, family involvement proved essential to students' outcomes, and school dropout emerged as a significant consequence of the period.

Keywords: Covid-19 pandemic; Remote teaching; In-person return.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar la situación de los estudiantes de una escuela privada de Fortaleza/CE después de la pandemia de COVID-19. La investigación fue de enfoque cualitativo y utilizó entrevistas y observaciones realizadas en la Escuela A. El estudio se fundamentó en los aportes de Fonteles Filho, Ribeiro y Carmo (2021), Oliveira, Lucas e Iquiapaza (2020) y Martins y Góes (2021), quienes analizaron el impacto de la pandemia en la educación. El objetivo principal fue identificar las dificultades enfrentadas por los estudiantes en el regreso a las clases presenciales en la Educación Primaria. El período analizado abarcó desde el inicio de la pandemia hasta el segundo semestre de 2022. Se evidenciaron lagunas en el proceso de aprendizaje debido a la baja participación en la enseñanza remota, lo que generó dificultades en la transición entre la Educación Infantil y la Educación Primaria. Además, la participación de la familia resultó fundamental para los resultados, y la deserción escolar fue una consecuencia significativa del período.

Palabras-Claves: Pandemia de Covid-19; Enseñanza remota; Regreso presencial.

1. Introdução

Este trabalho apresenta reflexões acerca do momento histórico que o Brasil enfrentou devido à pandemia da Covid-19, uma doença que, pelo seu alto nível de contágio (BRASIL, 2020b), nos impôs um isolamento social, com a suspensão de diversas atividades e fechamento de espaços públicos e privados, incluindo as escolas (BRASIL, 2020a). Durante esse período, muitos estudantes permaneceram em casa e realizaram as atividades escolares remotamente. Essa medida esteve em vigor de março de 2020 até o final de 2021, quando parte das instituições de ensino começaram a implementar os seus planos para um retorno presencial seguro, que buscasse, ao mesmo tempo, continuar a conter a disseminação do vírus e atender às necessidades dos professores e alunos em seu retorno à rotina escolar.

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar os desafios enfrentados durante o retorno das aulas presenciais em uma escola de Ensino Fundamental I da rede privada de Fortaleza/CE, localizada no bairro Parque Manibura, doravante denominada Escola A. Serão abordadas as dificuldades enfrentadas por duas turmas dessa escola no processo de retorno presencial, com o intuito de investigar como os alunos retomaram suas atividades em sala de aula após o período de isolamento. Para tanto, foram realizadas observações das atividades escolares desde o início do *lockdown* até a reabertura das instituições, culminando no retorno às aulas presenciais regulares. O impacto do isolamento e do ensino remoto no processo de aprendizagem das crianças, bem como suas percepções sobre essa experiência, é analisado neste estudo, com foco em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental em 2021 e outra turma, da mesma série, em 2022.

A escolha deste tema se justifica pela necessidade de contribuir de maneira significativa para as pesquisas relacionadas aos efeitos da pandemia da Covid-19 na educação. A investigação foi conduzida em uma escola particular da cidade de Fortaleza, onde muitas crianças vêm de famílias com estabilidade financeira, que mantêm altas expectativas em relação ao desempenho acadêmico dos filhos, o que geralmente resulta em uma participação ativa dos pais no processo educativo. Embora nem todos os responsáveis acompanhem de perto a educação das crianças, a maioria dos pais dos alunos observados neste estudo demonstrou envolvimento,

seja participando de determinadas atividades escolares, seja buscando apoio pedagógico para garantir que seus filhos alcançassem resultados satisfatórios.

Combinando nossas leituras e experiências com as contribuições de uma professora do 1º ano do Ensino Fundamental que atuava tanto antes quanto após a pandemia, lecionando em modalidades presenciais, remotas e híbridas para crianças de seis e sete anos em uma escola regular, levantamos a seguinte questão norteadora deste estudo: Considerando os aspectos de aprendizagem e de saúde física, mental e emocional, qual é a situação atual dos estudantes que estão retornando às salas de aula após o período de isolamento social e ensino remoto imposto pela pandemia da Covid-19?

Além da educação, a crise do sistema de saúde afetou setores como a economia, o convívio social e o acesso a produtos essenciais, como medicamentos e alimentos. Considerando a interdependência das áreas para a qualidade de vida, é importante destacar que uma afeta a outra em maior ou menor grau, e todas refletem-se no desempenho dos indivíduos, tanto no âmbito pessoal quanto no social (RUI *et al*, 2021). Embora as atividades em modo remoto tenham sido acompanhadas, o fato de o ensino remoto não ser um modelo educacional regular impactou o desenvolvimento das crianças de maneiras diferentes, de acordo com as suas respectivas realidades.

Diante do cenário pandêmico, a Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Ceará adotou um estado de alerta permanente, oferecendo suporte à sociedade e, em especial, à sua comunidade acadêmica, dentro de seus limites de atuação (FONTELES FILHO; RIBEIRO; CARMO, 2021). Estudantes de graduação e pós-graduação em Pedagogia, assim como os de outras áreas, enfrentaram dificuldades de adaptação ao ensino remoto durante o período da pandemia (ALMEIDA; JUNG; SILVA, 2021). Aqueles com pouca familiaridade com as tecnologias precisaram aprender a utilizar ferramentas como montagens, apresentações e edição de vídeos, entre outras habilidades, para cumprir as atividades curriculares exigidas (FEITOSA *et al.*, 2020). Considerando as práticas de ensino remoto adotadas pela universidade, refletimos sobre como esse processo estava ocorrendo na educação básica.

Nesse contexto, os objetivos específicos deste artigo são: (i) identificar as principais complexidades do modelo de ensino remoto adotado em 2020 e 2021; (ii)

observar as dificuldades predominantes relacionadas ao rendimento escolar em 2022; e (iii) analisar a situação dos alunos diante dos impactos da pandemia, após dois anos de ensino remoto e híbrido, no retorno às aulas presenciais. Além disso, outras implicações da pandemia da Covid-19, como o luto, as inseguranças e os medos, também foram observadas nesta pesquisa. Buscamos, também, identificar outras consequências de dois anos de ensino remoto, como evasão escolar, lacunas no aprendizado e outros desafios enfrentados pelas crianças, visando, posteriormente, propor estratégias que possam mitigar esses impactos.

A contribuição deste trabalho para a área da pedagogia está relacionada ao contexto em que todas as escolas e universidades precisaram fechar suas portas e reinventar a maneira de ensinar. Além de reajustar as metodologias para melhor atender às necessidades dos educandos, foi necessário buscar alternativas para superar crises que ultrapassaram o ambiente acadêmico (FRIGOTTO, 2021). As famílias também enfrentaram os impactos do isolamento social, das perdas, da crise financeira, da falência, da solidão e da necessidade urgente de acesso a recursos digitais. Além das dificuldades de aprendizagem já apresentadas pelas crianças (KAUARK; SILVA, 2008), neste trabalho, evidenciaremos como o isolamento social e o ensino remoto podem ter afetado a aprendizagem das crianças do Ensino Fundamental I. Examinamos, também, as estratégias adotadas pela escola e pelo corpo gestor para enfrentar as barreiras impostas pelo isolamento social, além de oferecer um panorama sobre a implementação do ensino remoto nesse contexto. As características do retorno presencial, o cenário em que ocorreu e a dinâmica do ensino híbrido, com aulas presenciais e online para os alunos que ainda não haviam retornado à sala de aula, também foram analisadas.

Este estudo se destaca por basear-se em observações realizadas durante o primeiro ano de retorno às aulas presenciais após a pandemia. Por se tratar de um fenômeno singular, observado em um local e contexto específicos, esta pesquisa apresenta questões inéditas, que nenhum outro contexto histórico no Brasil enfrentou. Pela primeira vez, o ensino remoto foi amplamente adotado, envolvendo todas as faixas etárias de maneira obrigatória, como ocorreu nos anos de 2020 e 2021. Discutir essa temática é de extrema relevância, pois reflete sobre a realidade vivida pela grande maioria das escolas brasileiras e ao redor do mundo, as consequências para o ensino regular e os caminhos possíveis para a educação a partir desse marco.

2. Pandemia da Covid-19 e o ensino remoto

No início de 2020, os brasileiros começaram a receber informações, por meio dos meios de comunicação, sobre uma nova doença que se disseminava por vários países da Europa, tendo seu epicentro na cidade de Wuhan, na China, no final de 2019. A velocidade com que o vírus se propagava levou à caracterização da situação como um surto, de modo que, em apenas um mês, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou uma emergência internacional pandêmica. Sobretudo os sintomas respiratórios causados pela Covid-19 geraram diversos problemas para os sistemas de saúde em todo o mundo, como a falta de oxigênio nos hospitais e o alto volume de internações. Em um curto intervalo de tempo, muitos locais de atendimento precisaram acolher um número de pacientes muito superior à sua capacidade. Assim, segundo Oliveira, Lucas e Iquiapaza (2020, p. 3),

Houve muitas perguntas e poucas respostas em um primeiro momento, uma mobilização direta e ativa da OMS no acompanhamento dos casos e na expansão do vírus a todos os continentes, até que por resultados das primeiras pesquisas o quadro foi delineado com transmissão humano-humano da n-Covid-19. Nesse cenário, a OMS declarou a Covid-19 como pandemia em 11 de março de 2020 e instituiu as medidas essenciais para a prevenção e enfrentamento a serem adotadas.

De acordo com Martins e Goés (2020), em junho de 2020 os dados oficiais do IBGE indicavam que 83,4 milhões de cidadãos brasileiros tinham alguma ocupação ou trabalho. Do total, aproximadamente 17,7% dessas pessoas estavam afastadas de seus empregos, sendo que cerca de 85,5% desse afastamento ocorreu em razão da obrigatoriedade do distanciamento social. Nesse contexto, contabilizaram-se 8,7 milhões de pessoas trabalhando em *home office*, o que representa 12,7% daqueles que estavam ocupados e não afastados.

Do ponto de vista educacional, a pandemia evidenciou a disparidade entre alunos de diferentes contextos socioeconômicos. Enquanto alguns estudantes, cujos pais trabalhavam em *home office*, contavam com internet estável, dispositivos eletrônicos adequados e apoio para acompanhar o ensino remoto, muitos alunos da rede pública enfrentavam uma realidade oposta (SABÓIA, 2020). Com o fechamento de creches e escolas municipais e estaduais, muitos pais e mães, sem ter onde deixar

seus filhos pequenos, foram forçados a abandonar seus empregos. Além disso, a interrupção da merenda escolar afetou diretamente as famílias, agravando a situação de insegurança alimentar, em meio ao aumento do desemprego e da pobreza. Em resposta à crise, muitas famílias passaram a receber auxílio financeiro em forma de cestas básicas mensais, distribuídas por aluno. Uma mãe com três filhos, por exemplo, recebia três cestas básicas para suprir as necessidades alimentares da família. Embora esse suporte tenha reduzido os danos causados pela insegurança alimentar, por não ter sido universal, milhares de famílias brasileiras tiveram a sua situação socioeconômica agravada, passando da pobreza para a extrema pobreza.

Segundo a Unesco (2020), após a pandemia, a maioria das escolas já havia retomado suas atividades, mas a educação ainda passava por um processo de recuperação. Esse processo envolvia avaliar o que foi aprendido, o que foi perdido e os prejuízos causados pela pandemia. Conforme destacado, “a pandemia afetou mais de 1,5 bilhão de estudantes e jovens, com os alunos mais vulneráveis sendo os mais atingidos. Alguns avanços já obtidos em direção aos objetivos da Agenda Educacional 2030 foram perdidos” (UNESCO, 2020).

A Escola A, analisada nesta pesquisa, manteve suas aulas em modo remoto, buscando oferecer uma educação de qualidade que superasse as barreiras impostas pela distância e pela falta de tecnologia adequada. Além das videoaulas disponibilizadas aos alunos, o site da escola contava com roteiros de estudo para as avaliações e tarefas, já previstos desde o início do ano letivo. Todo o contato com a escola era feito por telefone, e as professoras recebiam tutoriais em vídeo com orientações sobre o uso da internet e do pacote Office para adequar seus planejamentos e videoaulas. As atividades eram acompanhadas de roteiros que orientavam as crianças, ou seus responsáveis, no caso dos alunos em processo de alfabetização. Alunos do primeiro e segundo anos realizavam trabalhos compostos por questionários, de acordo com o tema de cada matéria. Esses trabalhos eram feitos em casa e enviados à escola dentro dos prazos estabelecidos, para correção e atualização do boletim.

Os alunos do 3º, 4º e 5º anos realizaram suas avaliações parciais e globais adaptadas para formulários online com questões de múltipla escolha. Durante as provas, era solicitado que mantivessem as câmeras ligadas, com o objetivo de autenticar a veracidade das respostas e garantir que realizassem a avaliação sem a

ajuda de um adulto ou de outro dispositivo, como um celular. No entanto, as próprias crianças sabiam que poderiam abrir uma nova aba e fazer pesquisas no Google, o que possibilitava irregularidades nas notas e dificultava o trabalho da professora em avaliar corretamente o nível de conhecimento dos alunos. Além disso, durante as aulas via Google Meet, não era obrigatório que os alunos mantivessem o microfone ligado para responder às perguntas, o que pode ter comprometido ainda mais a interação e o acompanhamento do aprendizado.

3. Metodologia

Nesta pesquisa, utilizamos uma metodologia qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994; GIL, 2002; KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015). Para Minayo (1994, p. 21), a pesquisa qualitativa

[...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A Escola A, lócus desta pesquisa, é uma instituição da rede privada de Fortaleza/CE. O grupo de participantes foi composto por duas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, totalizando 20 alunos, todos com idade média de 6 anos. Uma das turmas foi utilizada como objeto de observação, enquanto na outra realizamos uma entrevista semiestruturada com a professora regente. As perguntas destinadas à professora foram: (i) Quais foram suas principais dificuldades durante o regime remoto? (ii) Como eram realizadas as avaliações durante o período de ensino remoto? (iii) Como você percebia a interação dos alunos entre si e com você?

Todas as informações e dados coletados, incluindo entrevistas e diários de bordo, foram obtidos nas dependências da escola, em colaboração com a professora do 1º ano, durante nossas vivências em sala de aula e conversas sobre o tema da pesquisa. Nossa busca por bases para a investigação possibilitou a exploração de diversos caminhos, sempre mantendo o foco no objetivo principal e utilizando diferentes instrumentos para fundamentar a coleta dos dados, visando à análise e discussão dos resultados. Todas as perguntas visavam compreender como foi o

processo de ensino durante o ensino remoto e quais dificuldades foram enfrentadas, permitindo um comparativo com o retorno presencial após o isolamento social. Os achados da pesquisa, coletados por meio das observações realizadas e das perguntas dirigidas à professora entrevistada, serão apresentados na próxima seção.

4. Estratégias utilizadas para adaptação ao novo modelo de ensino e principais dificuldades dos alunos

Com a suspensão de todas as atividades em escolas e universidades, a Universidade Federal do Ceará anunciou, através do seu site oficial, uma pausa inicial de 15 dias para a organização de uma paralisação das atividades acadêmicas, entre os dias 17 e 31 de março de 2020. Essa medida emergencial visava enfrentar a pandemia de Covid-19, conforme comunicado publicado em 16 de março de 2020 no site da universidade.

A Universidade Federal do Ceará, de acordo com a evolução do quadro atual de saúde pública, atualiza o rol de medidas para barrar a transmissão do coronavírus. Na tarde desta segunda-feira (16), o reitor da UFC, Prof. Cândido Albuquerque, e o vice-reitor, Prof. Glauco Lobo, se reuniram com pró-reitores e demais membros do comitê de gerenciamento de crise sobre o novo coronavírus (COVID-19) para tomar decisões diante da pandemia [...] (UFC, 2020)

De acordo com a notícia publicada, as determinações da Universidade tinham como objetivo barrar a transmissão de doenças que, a cada dia, somavam novos casos no país. A suspensão abrangiu todos os cursos da UFC, assim como eventos esportivos, artísticos e científicos, além de seus espaços culturais, mantendo apenas as atividades administrativas em funcionamento. Assim como a Faced elaborou o documento *Participar e Incluir: por uma pedagogia colaborativa no contexto da pandemia* (FACED-UFC, 2020), foi essencial os demais departamentos e a universidade como um todo traçarem um plano para reorganizar o trabalho de todos os servidores da comunidade acadêmica. Por esta razão, uma das decisões tomadas nessa reunião foi a manutenção das bolsas remuneradas dos discentes, além da continuidade dos serviços de restaurantes universitários para alunos residentes e isentos, visando garantir o apoio nutricional àqueles que mais necessitavam, especialmente considerando a gravidade do momento.

Assim como na universidade, a pandemia da Covid-19 apresentou um padrão de desafios para as escolas brasileiras, que precisaram ajustar seus modelos de educação. Muitas delas iniciaram, em 2020, a utilização de videoaulas e web conferências, o que trouxe uma série de dificuldades na metodologia dos professores, especialmente nas escolas públicas, que enfrentaram a urgência do acesso à internet. A conexão nas redes era fundamental para a manutenção de um ensino de qualidade nas condições em que se encontravam. Muitas escolas públicas, diante dessa situação, adotaram apenas roteiros de estudos e enviaram fotos de tarefas via WhatsApp, mas a participação ativa das crianças era difícil, pois nem todas tinham acesso a celulares ou outros dispositivos eletrônicos.

Quais as implicações que dois anos de pandemia podem ter para a qualidade da aprendizagem das crianças? É importante ressaltar que a chegada da Covid-19 trouxe implicações psicológicas, sociais e emocionais aos alunos, visto que as crianças e seus familiares tiveram que lidar com diversas situações desafiadoras, como luto, desemprego, distanciamento social e, ainda, a doença. A educação a distância caracteriza-se por ser uma modalidade de ensino na qual professores e alunos estão fisicamente separados. Para que essa modalidade seja efetivamente bem-sucedida, é essencial o uso de recursos tecnológicos e meios de comunicação conectados à internet, o que, felizmente, ocorreu nas turmas estudadas nesta pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa realizada em nosso campo de trabalho, os relatos apresentados refletem nossas vivências na escola em que lecionamos para as turmas de 1º ano. Com a suspensão das aulas, foram observadas tentativas de adotar um modelo de ensino que se adequasse à realidade da escola e às condições das crianças. As férias foram antecipadas para abril de 2020, e ficou claro que era necessário um planejamento estratégico para reorientar a rotina escolar.

Todo o quadro de funcionários passou a se comunicar de maneira remota, por meio de grupos no WhatsApp, que também serviam para compartilhar informações sobre o avanço do vírus. Uma força-tarefa voluntária foi criada na escola para preparar kits de material pedagógico destinados às crianças da educação infantil, incluindo itens extras fornecidos pela instituição, com o objetivo de incentivar a permanência das crianças matriculadas ao longo do ano. Para os alunos do ensino fundamental, o material foi organizado minuciosamente, e os pais foram orientados a buscar os livros

didáticos e cadernos de seus filhos, permitindo que realizassem suas atividades em casa. As incertezas sobre a situação ainda eram muitas.

Todas as professoras foram orientadas a elaborar uma agenda de atividades que incluísse uma breve explicação do conteúdo, juntamente com as páginas e as instruções para a realização das atividades, como, por exemplo, a utilização de material complementar de leitura. Observou-se que algumas professoras dominavam parcialmente as tecnologias e conseguiram se adaptar bem, enquanto outras não tinham o domínio necessário e, inclusive, não possuíam os dispositivos adequados para realizar suas atividades remotamente. As professoras do Ensino Fundamental I se prepararam para gravar videoaulas após as férias e iniciaram o primeiro mês de ensino remoto oficial em maio de 2020. Cada professora tinha um dia e horário específicos para a gravação das aulas daquela semana, com um funcionário designado para gravar e editar os vídeos, que eram posteriormente publicados no site da escola junto com os roteiros de atividades. Durante os horários das aulas, as professoras também precisavam estar disponíveis para responder a dúvidas através do WhatsApp, onde mães e crianças enviavam mensagens e fotografias das atividades para comprovar sua realização ou para solicitar orientações sobre como responder a determinadas questões.

Nesse contexto, as atividades para as crianças do Ensino Fundamental continuaram durante os meses de maio e junho de 2020. As provas parciais e globais eram impressas na escola ou disponibilizadas no site para que as crianças pudessem responder em casa e, posteriormente, entregá-las na escola. Assim, a análise das notas se concentrou principalmente nas provas com notas entre nove e dez, que eram primeiramente corrigidas pelas famílias ou por professores particulares antes de serem entregues na escola. Isso dificultava a análise do professor, que até então não havia interagido pessoalmente com os alunos. No entanto, essa situação mudou em 8 de julho de 2020, quando as aulas com transmissão ao vivo via Google Meet foram iniciadas, ocorrendo das 14h às 17h. A adaptação tanto dos profissionais quanto das crianças foi notável, já que agora elas estavam estudando diante de uma tela de computador todos os dias da semana.

Cada professora recebeu um *kit* contendo uma mini lousa, pincéis para quadro branco e um apagador, com o intuito de facilitar a ministração das aulas e promover a interação das crianças durante as atividades. O compartilhamento de telas pelo

Google Meet também era permitido, mas nem todas as professoras tinham habilidades suficientes para utilizá-lo. É importante ressaltar que as orientações fornecidas pela escola foram realizadas de forma remota e que nem todas as dúvidas das professoras puderam ser esclarecidas. Assim, elas buscavam entre si maneiras de facilitar o uso da plataforma, além de explorar outras janelas com imagens ou vídeos que pudessem enriquecer as aulas. Essa busca visava trazer mais elementos lúdicos e aproximar, dentro das possibilidades, o ensino remoto da experiência presencial em sala de aula.

As principais dificuldades apontadas pela professora do primeiro ano referem-se à adaptação ao novo estilo de ensino, onde a interação ocorreu de forma mais reduzida, limitada ao espaço da tela de um computador. Segundo a professora, essa nova dinâmica resultou na extinção de vivências significativas, transformando a rotina em algo repetitivo, cansativo e, muitas vezes, restrito. Algumas crianças contaram com o acompanhamento dos pais, que, ao passarem a trabalhar remotamente, ficaram em casa com os filhos. Para muitos, essa foi a primeira vez que passaram tanto tempo juntos, especialmente considerando que algumas dessas crianças frequentavam a escola em período integral desde a educação infantil.

Nesse contexto, a jornada de trabalho de alguns pais passou a incluir o acompanhamento dos filhos nas tarefas escolares. No entanto, essa não era a realidade para todas as crianças. Por isso, uma das dificuldades apontadas pela professora foi o manuseio do material escolar, que, normalmente, é auxiliado por orientações diretas em sala de aula. Atividades como localizar um número de página, apontar um lápis ou fazer um recorte, que costumavam ser realizadas com a supervisão da professora, tornaram-se desafiadoras. Essas pequenas ações, que poderiam levar poucos minutos em uma aula presencial, exigiam muito mais tempo e esforço por parte da professora, que auxiliava vários alunos individualmente e à distância, principalmente nos casos em que os alunos não tinham um adulto que pudesse oferecer esse suporte.

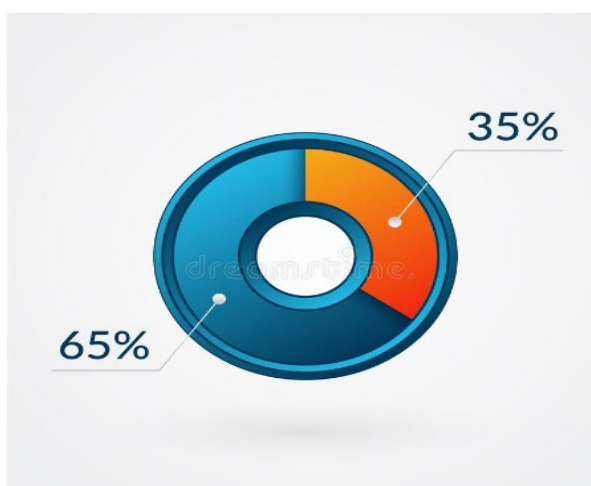
Diante dos desafios impostos e das estratégias utilizadas como alternativa ao ensino presencial, foi possível identificar alguns recursos estruturais necessários para a condução das atividades escolares. Além do acesso à internet de qualidade, computadores, celulares e outros dispositivos que possibilitassem a interação durante as atividades escolares remotas tornaram-se materiais escolares essenciais. Essa

necessidade não se restringiu apenas à educação básica, mas se estendeu também às universidades e aos cursos presenciais em geral. Assim, as instituições educacionais e os profissionais da educação precisaram buscar caminhos que pudessem minimizar as lacunas geradas pelo distanciamento social e pelo confinamento, que afetou tanto os adultos quanto as crianças.

5. Retorno gradativo das aulas

Em uma reunião realizada em setembro de 2020, o comitê responsável por deliberar sobre as questões relacionadas ao isolamento social decidiu liberar 35% dos alunos para o retorno presencial em algumas séries da educação básica: 1º e 2º anos do ensino fundamental, 9º ano do Ensino Fundamental, além da Educação de Jovens e Adultos e do Ensino Profissionalizante. Essa retomada presencial deveria ser realizada de forma responsável, obedecendo aos critérios estabelecidos para a manutenção das medidas de proteção contra a Covid-19. Cada turma poderia receber apenas 35% do total de alunos de cada sala, conforme demonstrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição da capacidade de alunos liberada para retorno presencial



Fonte: Elaborado pela autora

Todos os alunos presentes após essa liberação precisavam manter uma distância de dois metros uns dos outros e utilizar máscara em todos os momentos (exceto durante as refeições). Até mesmo as atividades físicas eram realizadas com o uso de máscara. A professora utilizava proteção facial e máscara, além de praticar a higienização constante das mãos, tanto na sala de aula quanto nas demais

dependências da escola. Observei uma empolgação notável entre os alunos do 1º ano em relação à sala de aula, às atividades, à rotina e ao ambiente escolar. A professora continuou ministrando aulas online, enquanto uma professora substituta foi designada para lecionar para os alunos que haviam retornado ao ensino presencial. Como o número de crianças interessadas no retorno superava a capacidade permitida, foi necessário implementar um rodízio de alunos para garantir que todos tivessem a oportunidade de participar das aulas presenciais.

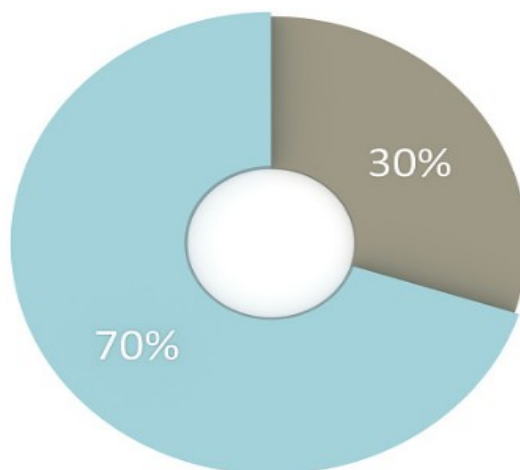
O acompanhamento mais próximo no retorno presencial facilitou o diagnóstico da situação dos alunos. Algumas crianças, que anteriormente estavam tirando sempre notas máximas em todas as provas e trabalhos realizados em casa, agora apresentavam dificuldades. Outras, por outro lado, mantinham um bom desempenho. Entre as que demonstraram dificuldades, identificamos uma menina que mal conseguia segurar o lápis no papel, provavelmente devido à sua pouca participação nas aulas da educação infantil. A professora e eu deduzimos que, durante as atividades de treino ortográfico, nas quais a aluna deveria praticar a escrita de palavras e frequentemente obtinha pontuações máximas, outra pessoa realizava as tarefas e enviava as fotos. Isso ficou evidente ao observarmos que a combinação de letras não possuía nenhuma semelhança com o que a aluna era capaz de fazer em sala. Essa situação acabou prejudicando a estudante, pois ela não teve a oportunidade de desenvolver sua coordenação motora nem de praticar a escrita durante o período em que permaneceu em casa.

Em setembro de 2021, o governo estadual, por meio do Decreto N° 34.222, ampliou a capacidade de lotação das salas de aula, conforme o trecho a seguir:

Art. 5º Permanecem liberadas, nos mesmos termos e condições, as atividades presenciais de ensino já anteriormente autorizadas, ficando ampliada para 70% (setenta por cento) a capacidade de alunos por sala, em todos os níveis e atividades de ensino liberados. (CEARÁ, 2021, p. 1-4)

No gráfico a seguir, apresentamos a distribuição dos alunos na sala de aula do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola A no referido mês de 2021.

Gráfico 2 – Distribuição da capacidade de alunos liberada para retorno presencial



Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo o relato das professoras entrevistadas, os alunos que retornaram às aulas presenciais antes da liberação total de 100% da capacidade foram aqueles que não conseguiram participar de maneira efetiva nas aulas *online*. Esses alunos necessitavam de apoio pedagógico presencial para alcançar os níveis esperados para a série em que estavam matriculados. Além disso, houve casos de alunos que foram transferidos de escolas maiores, cujas mensalidades altas não puderam ser mantidas pelos pais, levando-os a matricular seus filhos em escolas menores ou, em alguns casos, a cancelar a matrícula completamente.

O retorno às aulas presenciais, mesmo com as restrições de distanciamento, trouxe uma mudança que julgamos positiva na rotina dos alunos. Para os veteranos, a reaproximação com os colegas de classe, com quem já haviam formado laços de amizade, foi relatada como uma experiência gratificante. Já os alunos novatos, que ainda estavam em processo de adaptação à nova escola, enfrentaram o desafio de se readaptar a esse novo ciclo escolar.

No entanto, a hora da brincadeira se tornou uma oportunidade para superar essas diferenças. As crianças, mesmo mantendo o distanciamento físico, criaram formas de se divertir juntas, inventando jogos de perguntas e respostas, adivinhação e mímica, permitindo que, mesmo longe fisicamente, pudessem compartilhar momentos de descontração e interação social. Isso contribuiu para aliviar o impacto das mudanças e promover uma socialização gradual e saudável.

Em sala de aula, a professora enfrentava o desafio de se adaptar a um formato híbrido de ensino, equilibrando a interação com os alunos presentes fisicamente e aqueles que acompanhavam as aulas remotamente via Google Meet. Esse modelo se mostrou particularmente desafiador para o 1º ano do ensino fundamental, pois as crianças ainda eram bastante dependentes. Muitos alunos não tinham autonomia para organizar seus materiais, realizar pequenas tarefas, como abrir uma garrafa de água ou apontar um lápis, ou mesmo lidar com a alimentação individual. Nesse cenário, a professora precisava constantemente intervir para auxiliar nessas demandas básicas.

Além disso, a observação das atividades dos alunos que estavam em casa foi uma etapa complexa da pesquisa. Percebemos que a professora sentia dificuldades em manter o foco em ambas as frentes ao mesmo tempo — na sala de aula física e na virtual. Muitas vezes, ela precisava interromper a transmissão *online* para atender às necessidades imediatas das crianças presentes na sala, o que criava lacunas na atenção aos estudantes que participavam remotamente. A dinâmica exigia uma grande capacidade de gerenciamento multitarefa, visto que, ao mesmo tempo em que monitorava as crianças na sala, tinha que avaliar imagens de atividades enviadas pelos alunos em casa, o que envolvia observar detalhes na tela, o que tomava tempo e atenção.

Essa sobrecarga aumentou o grau de dificuldade da atuação da professora e tornou o ambiente de ensino desafiador para todos os envolvidos, especialmente nesta fase escolar, em que a presença e o suporte direto do professor são essenciais para o desenvolvimento das habilidades básicas dos estudantes.

No dia 17 de setembro de 2021, o então governador do Ceará, Camilo Santana, autorizou, por meio de decreto, a retomada das aulas com 100% da capacidade das salas, permitindo que todas as crianças pudessem frequentar a escola simultaneamente a partir da segunda-feira seguinte.

Com a autorização do Governo do Estado, muitos pais e responsáveis reagiram de maneira diversa. Enquanto alguns ficaram aliviados e satisfeitos com a notícia, outros ainda estavam receosos em relação à segurança sanitária e preferiram manter seus filhos em casa, mesmo com a liberação. A escola, sensível a essa diversidade de posicionamentos, continuou oferecendo a opção de ensino remoto através de videoconferências, para que nenhum aluno ficasse prejudicado.

No entanto, com um número maior de alunos presentes em sala, as professoras enfrentaram novos desafios ao conciliar o ensino presencial e o remoto. Para que todos fossem atendidos de maneira adequada, uma outra professora foi designada exclusivamente para as aulas online do 1º ano, já que as crianças dessa faixa etária ainda dependiam muito de orientação direta para atividades de leitura e escrita. Assim, a escola buscou equilibrar a atenção e o suporte tanto para os alunos que voltaram ao presencial quanto para os que continuaram participando remotamente, buscando garantir que cada grupo recebesse o suporte necessário.

5.1 Reflexões dos alunos sobre o retorno

Após o retorno em setembro de 2021, realizamos uma dinâmica em nossa turma de 1º ano em que cada criança foi convidada a falar sobre os aspectos positivos e negativos do ensino remoto e do retorno presencial. A partir dessa atividade, ficou evidente que alguns desafios apontados pelas crianças estavam alinhados com o que a professora havia mencionado em entrevistas. Um dos principais pontos destacados foi a dificuldade que as crianças enfrentaram em tarefas cotidianas, como localizar páginas, fazer recortes, colar figuras e marcar as margens dos cadernos. Sem o apoio presencial imediato da professora durante o ensino remoto, essas atividades, que antes eram facilmente resolvidas com orientação direta, se tornaram desafiadoras. Além disso, muitas crianças relataram a saudade dos colegas e da professora, destacando a importância da interação social e do contato mais próximo no ambiente escolar.

Os pontos positivos mencionados pelas crianças sobre o ensino remoto incluíram a possibilidade de acordar um pouco mais tarde, assistir televisão durante a pausa do intervalo, e estudar junto com os pais. Elas também apreciaram a liberdade de ir ao banheiro quando quisessem, sem a necessidade de pedir permissão, e valorizavam o momento de interação com os colegas, ainda que fosse virtual, durante os intervalos das aulas por vídeo.

Na dinâmica realizada em 2021, foi revelado que quatro alunos da turma, composta por 20 estudantes, não acompanharam as aulas online durante o ano de 2020. Esses alunos tiveram suas matrículas suspensas em outras escolas e estavam retornando aos estudos após um longo período de interrupção, desde o início dos

decretos que paralisaram as aulas presenciais. Esse hiato nos estudos provavelmente foi motivado por questões particulares dos pais, que enfrentaram dificuldades significativas durante a pandemia, como a falência de empresas e a perda de empregos. Tais desafios impediram que essas famílias mantivessem seus filhos matriculados nas escolas, resultando em uma pausa prolongada na educação formal dessas crianças.

Entre os alunos que participaram da dinâmica, duas crianças acompanharam as aulas online com o apoio constante de seus pais, que tinham horários de trabalho flexíveis devido ao home office, e realizaram todas as tarefas conforme solicitado pela professora. Por outro lado, foi observado que duas meninas em particular apresentaram grande resistência em voltar à sala de aula após o retorno presencial. Mesmo após muitos combinados e conversas para amenizar a situação, ambas as crianças demoravam cerca de 30 minutos para se despedir dos pais no início da manhã, chegando frequentemente atrasadas à escola. Esse comportamento sugere que as dificuldades dessas alunas em ir à escola já começavam antes mesmo de saírem de casa, indicando uma possível ansiedade ou desconforto em relação ao retorno ao ambiente escolar após o período de afastamento durante a pandemia.

Sete alunos da turma realizavam as atividades escolares apenas com o apoio da família, que imprimia as tarefas semanais do site da escola e as completava à noite, quando os pais retornavam do trabalho. Esse acompanhamento, muitas vezes, era feito contra a vontade das crianças, que já estavam cansadas após um dia inteiro de brincadeiras, uso de celulares ou assistindo a vídeos no YouTube. A professora mencionou que os pais desses alunos relataram dificuldades em manter as crianças conectadas nas aulas online, pois os responsáveis por cuidar delas durante o dia não sabiam como utilizar a tecnologia necessária, como ligar ou desligar um microfone ou o próprio computador. Isso impediu que essas crianças participassem das aulas virtuais de maneira regular, contribuindo para um distanciamento ainda maior do ambiente escolar e das rotinas de aprendizado estruturado.

Três alunos relataram que quase não realizavam as atividades escolares, com seus responsáveis aplicando apenas as tarefas enviadas nas sextas-feiras ou em vésperas de feriados. Além disso, atividades de recorte ou colagem eram frequentemente ignoradas, pois, segundo as próprias crianças, seus pais "não tinham paciência" ou "não sabiam ensinar". Ao retornarem para a escola, esses alunos

demonstraram dificuldades motoras básicas, como a falta de controle suficiente para usar a tesoura com firmeza sem rasgar o papel. Esse atraso no desenvolvimento motor levou a professora a continuar mediando e adaptando atividades práticas que envolviam recorte, com o objetivo de fortalecer a coordenação motora das crianças, mesmo que de forma progressiva e no ritmo de cada aluno.

Das crianças entrevistadas, quatro não se lembravam ou não sabiam relatar sua experiência durante as aulas remotas. Os alunos que realizaram as atividades em casa, na maioria, comentaram que, quando seus pais chegavam do trabalho, o tempo disponível para ajudar era limitado. Como resultado, os pais frequentemente faziam as tarefas por eles, recortando, colando e até mesmo fornecendo as

respostas das atividades. Já aqueles alunos que não acompanharam as atividades de forma alguma, como mencionado anteriormente, tiveram suas matrículas suspensas em outras escolas e retornaram em 2021 após um período de interrupção nos estudos.

6. Considerações finais

Diante do exposto, observamos as diversas formas como a pandemia impactou a vida escolar dos alunos e como as circunstâncias familiares influenciaram diretamente o nível de envolvimento e aprendizagem durante o ensino remoto. A falta de acompanhamento adequado no ambiente domiciliar durante o ensino remoto impactou diretamente habilidades motoras essenciais, além de destacar o papel crucial da professora em reintegrar esses alunos às práticas pedagógicas que atendam às suas necessidades.

Assim, se faz necessário um maior investimento em apoio pedagógico para os educandos que não puderam acompanhar o ensino remoto de forma efetiva, ou seja, que pularam etapas do processo de aprendizagem e, ainda assim, voltaram para a sala de aula e foram avaliados com os mesmos critérios dos outros estudantes. Para tanto, é necessário utilizar atividades que estimulem a coordenação motora e a leitura, que são fundamentais para o desenvolvimento da escrita destas crianças. Observamos, também, que, muitas vezes, os pais ou responsáveis, com a intenção de orientar as crianças, ajudavam-nas em atividades que elas já tinham capacidade de fazer, resultando, posteriormente, em uma dependência excessiva da professora

em sala de aula. Além disso, após o retorno, essas crianças também apresentaram alguma dificuldade de comportamento e na resolução de problemas em outras dependências da escola, como formar uma fila, realizar uma atividade em grupo ou simplesmente esperar a sua vez de falar.

Foram observadas, ao longo de dois anos, crianças que iniciavam o ensino fundamental, ou seja, crianças que estavam na educação infantil durante o período da pandemia do Covid-19. Quanto aos alunos que passaram pelo processo de alfabetização nos 1º e 2º anos e já se encontram no 3º ano do ensino fundamental, observamos quais aspectos podem ter influenciado no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, de lógica matemática, entre outras, e impactado no desempenho destes alunos. Existe a aprovação automática até o 3º ano do Ensino Fundamental, mas, a partir daí, é necessário que seja alcançada a média estabelecida para aprovação nas quatro etapas. É exigido dos alunos que consigam ler e compreender plenamente textos do seu nível educacional, e que tenham um bom desempenho em provas que envolvem as quatro operações matemáticas. Uma base sólida também é imprescindível para que os educandos consigam assimilar os conteúdos exigidos em cada fase do ensino fundamental.

É válido um novo estudo, mais aprofundado, com a mesma turma de 1º ano que participou desta pesquisa e comparar os resultados com o seu desempenho em séries posteriores. Poderiam ser levados em consideração aspectos relativos ao desenvolvimento das crianças e ao rendimento escolar, percebendo quais alunos obtiveram resultados considerados adequados. Além disso, questões que podem ter contribuído, prejudicado, entre diversos fatores, também seria interessante que fossem estudadas. Vale ressaltar, também, o que a escola poderia estar fazendo para ajudar as crianças que apresentaram dificuldades, como sondagens, relatórios, aulas de reforço, projetos que incentivem o aluno naquilo que ele precisa melhorar, entre outras iniciativas.

Durante a coleta de dados, diversos alunos mencionaram o luto pela perda de parentes durante a disseminação desta grave doença respiratória. Em alguns casos, responsáveis informaram à escola que seus filhos iniciaram sessões com psicólogos. Em uma situação atípica como a que o país enfrentou, o impacto emocional foi significativo desde o início do isolamento social. Ainda assim, essas crianças, que sofreram traumas relacionados à Covid-19, estão sendo avaliadas com os mesmos

critérios das demais em salas de aula, o que é preocupante, já que as condições emocionais dos alunos não são as mesmas.

Assim, torna-se pertinente a realização de uma investigação sobre os impactos da pandemia da Covid-19 no desenvolvimento emocional de crianças e jovens. Embora as medidas adotadas tivessem o propósito de preservar a saúde pública, é fundamental analisar as possíveis implicações emocionais que podem ter causado nas crianças e jovens. Um estudo comparativo, com maior aprofundamento, poderá auxiliar na identificação dos desafios a serem superados e direcionar soluções eficazes.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, P. R.; JUNG, H. S.; SILVA, L. Q. Retorno às aulas: entre o ensino presencial e o ensino a distância, novas tendências. *In: Revista Práxis*, Novo Hamburgo/RS, v. 18, n.º 3, p. 96-112, 2021. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2556/2933>. Acesso em: 03 dez. 2022.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Medida Provisória nº 934**, de 1º de abril de 2020. 2020a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/mpv/mpv934.htm. Acesso em: 12 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Recomendação nº 022**, de 09 de abril de 2020. 2020b. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/recomendacoes-2020?start=40>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CEARÁ. Decreto nº 34.222, de 04 de setembro de 2021. Mantém as medidas de isolamento social contra a COVID-19 no estado do Ceará, com a liberação de atividades. *In: Diário Oficial do Estado do Ceará*, caderno único, série 3, ano 13, n.º 204, Fortaleza, 04 de set. de 2021, p. 1-4.

FACED-UFC. **Participar e Incluir**: por uma pedagogia colaborativa no contexto da pandemia. Fortaleza: FACED-UFC, 2020. Disponível em: <https://faced.ufc.br/wp-content/uploads/2020/08/participar-e-incluir-2.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

FEITOSA, M. C.; MOURA, P. de S.; RAMOS, M. do S. F.; LAVOR, O. P. Ensino Remoto: O que Pensam os Alunos e Professores? *In: CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO (CTRL+E)*, 5. 2020, Evento Online. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2020. p. 60-68.

FONTELES FILHO, J. M.; RIBEIRO, D. M.; CARMO, F. M. do; Ensino Remoto em Contexto de Pandemia em Duas Universidades do Nordeste do Brasil: UFC e UERN. *In: RevistAleph*, n° 37, dez. 2021, p. 101-120.

FRIGOTTO, G. Pandemia, mercantilização da educação e resistências populares. *In: Germinal: marxismo e educação em debate*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 636–652, 2021. DOI: 10.9771/gmed.v13i1.44442. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/44442>. Acesso em: 12 nov. 2022.

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas. *In: Como elaborar projetos de pesquisa*, v. 4, n. 1, p. 44-45, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/download/38881088/como_classificar_pesquisas.pdf. Acesso em: 03 nov. 2022.

KAUARK, F. da S.; SILVA, V. A. dos S. Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental e ações psico & pedagógicas. *In: Rev. psicopedag.*, São Paulo, v. 25, n. 78, p. 264-270, 2008. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v25n78/v25n78a09.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. **Pesquisa Documental**: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. CIAIQ2015, v. 2, 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252>. Acesso em: 03 dez. 2022.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, F. dos S.; GÓES, G. S. O impacto da pandemia no modo de trabalho no setor público e privado. **Cadernos de Finanças Públicas**, v. 20, n. 3, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.tesouro.gov.br/index.php/cadernos/article/view/119>. Acesso em: 18 nov. 2022.

OLIVEIRA, A. C. de, LUCAS, T. C., IQUIAPAZA, R. A. (2020). O que a pandemia da covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução? *In: Texto e Contexto — Enfermagem*, vol. 29, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/cgMnvhg95jVqV5QnnzfZwSQ>. Acesso em: 2 out. 2024.

RUI, T. *et al.* Antropologia e pandemia: escalas e conceitos. *In: Horizontes Antropológicos* [online]. 2021, v. 27, n. 59, pp. 27-47. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000100002>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SABÓIA, G. **Sem internet, estudantes de favelas não conseguem se preparar para o Enem**. UOL, Rio de Janeiro, 28 abr. 2020. Educação. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/04/28/sem-internet-estudantes-de-favelas-sofrem-com-preparacao-online-para-enem.htm>. Acesso em: 20 abr. 2022.

UFC. **UFC suspende atividades presenciais por 15 dias devido à pandemia de coronavírus.** Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://www.ufc.br/noticias/14408-ufc-suspende-atividades-presenciais-por-15-dias-devido-a-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 27 out. 2022.

Submetido em 09/03/2025

Aprovado em 29/07/2026